



MONARQUIA LUSITANA

III

FREI ANTÓNIO BRANDÃO

Introdução de A. DA SILVA REGO

Notas de A. DIAS FARINHA e EDUARDO DOS SANTOS

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA



Monarquia Jusitana

PARTE TERCEIRA

POR FREI ANTÓNIO BRANDÃO

Introdução de A. da Silva Rego

Notas de A. Dias Farinha e Eduardo dos Santos

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA • 1973

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|-------|
| Introdução, por A. da Silva Rego | [ix] |
| <i>Monarchia Lusitana</i> , III parte, por Frei António Brandão. Texto integral fac- -similado | Fólio |
| Notas | [1] |
| Autores | [5] |
| Assuntos | [29] |
| Bibliografia citada nas notas | [121] |
| Traduções das escrituras latinas | [127] |
| Índices | [191] |
| De autores | [193] |
| Antroponímico, toponímico e ideográfico | [195] |

1. Resolveu a Administração da Imprensa Nacional, na actual fase da sua nova vida, lançar a público, em edição fac-similada, os conhecidos volumes da *Monarchia Lusitana*. Ciente muito embora das justas palavras de Herculano, quando verberou a ignorância, por parte das gerações presentes, dos «livros pesados e volumosos do tempo passado», quando se desconheciam até os nomes dos «antigos escritores portugueses»¹, convencida de que hoje a atmosfera é profundamente diversa, apesar de certa aparência em contrário, julgou a Administração da Imprensa chegada a hora de corresponder à verdadeira sede de fontes históricas e literárias que hodiernamente se observa. E aí aparecem os «livros pesados e volumosos» rejuvenescidos pela moderna técnica do livro.

Por mera comodidade, publica-se, em primeiro lugar, o primeiro volume de Fr. António Brandão, seguindo-se-lhe o primeiro de Fr. Bernardo de Brito, o segundo de Fr. António Brandão, o segundo de Fr. Bernardo de Brito, continuados, é claro, pelos restantes².

2. Fr. António Brandão, autor da III e IV partes da *Monarchia Lusitana*, nasceu em Alcobaça em 25 de Abril de 1584. Segundo Barbosa Machado, foram seus pais Rodrigo Dias Rebelo e Antónia Brandoa, «ambos descendentes de Famílias Nobres». Fr. Fortunato de S. Boaventura diverge de

¹ Citada por A. de Magalhães Basto na «Introdução» à *Crónica do Conde D. Henrique, D. Teresa e Infante D. Afonso*, xxxvi. (Livraria Civilização, Porto, s/d.).

² Recorde-se que a obra *Monarchia Lusitana* consta de oito partes ou volumes:

- 1) Desde a criação do Mundo até Jesus Cristo, por Fr. Bernardo de Brito;
- 2) O segundo, devido ao mesmo autor, avança a narrativa até Portugal ser dado em dote ao conde D. Henrique;
- 3) O terceiro volume, de Fr. António Brandão, entra propriamente na história de Portugal, estudando-a desde o conde D. Henrique até final do reinado de D. Afonso Henriques;
- 4) O quarto volume pertence também a Fr. António Brandão, ocupando-se dos reinados de D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III;

Barbosa Machado quanto ao nome dos pais. Segundo ele, chamar-se-iam Rui Dias Rebelo e Jerónima Rebelo³.

O dia 25 de Março é apontado como data do seu nascimento, por ser dia dedicado pela Igreja a S. Marcos, nome conferido no baptismo a Brandão, alterado depois, ao entrar em Religião, para António. O Prof. A. de Magalhães Basto tentou adiantar alguma coisa a estes dados, pedindo que se realizassem algumas pesquisas no arquivo da Universidade de Coimbra, escrevendo, para tal efeito, ao seu conservador, Dr. A. G. da Rocha Madail. A tentativa, porém, resultou infrutífera.

Sempre segundo Barbosa Machado e Magalhães Basto, veio para Lisboa, para casa da avó materna, sendo aluno do P.º Francisco de Mendonça, no colégio jesuíta de Santo Antão, durante dois anos. Muito precoce, cedo manifestou os seus dotes, fazendo aqui a sua Retórica e parte da Filosofia, que não chegou a acabar, regressando depois a Alcobaça, a fim de fugir à peste que grassava então na capital. Aos 15 anos, a 27 de Outubro de 1599, foi recebido no Mosteiro de Alcobaça, sob a direcção, no seu noviciado, de Fr. Francisco de Santa Clara. Teria sido então que, segundo o costume religioso, abandonara o nome próprio de Marcos pelo de António. Doou nesta altura todos os seus bens a sua irmã Ana Brandoa, que seria depois mãe de Fr. Francisco Brandão, cisterciense e historiador como o tio. Em 1612 concluiu os seus estudos de Filosofia e Teologia, sendo então enviado para o Mosteiro de Santa Maria, em Terras de Bouro, a ensinar Filosofia. Aqui se teria demorado até 1615.

Parece ter entrado então na Universidade de Coimbra, pois em 4 de Fevereiro de 1619 apresentou-se a «exame da primeira e segunda tentativas». Formou-se em 16 deste mês, seguindo-se as provas de *augustiniana* e *magna ordinaria* em 26 de Abril. Logo em 2 de Maio realizou-se a de *quodlibetos*, continuada em 8 do mesmo mês com o denominado «exame privado», tomando o grau em 13. Finalmente, coroou a sua vida académica em 2 e 3 de Julho quando se sujeitou a exame de vespéras e doutoramento.

-
- 5) e 6) Estes dois volumes dedicam-se ambos ao reinado de D. Dinis e têm como autor Fr. Francisco Brandão, sobrinho do precedente;
 - 7) Dedicam-se o sétimo ao reinado de D. Afonso IV, tendo sido escrito por Fr. Rafael de Jesus;
 - 8) Finalmente, Fr. Manuel dos Santos estuda o período decorrido entre a morte de D. Pedro I e 1385, quando D. João I tomou conta do Reino.

Os autores pertencem a Alcobaça, com excepção de Fr. Rafael de Jesus, que era beneditino.

³ *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado, t. 1, pp. 223-225. (Coimbra Atlântida Editora, 1965.) «Memoria do Chronista-mor Fr. Antonio Brandão e o que se pode acrescentar ao Catalogo dos seus escritos que vem na Bibliotheca Lusitana», in *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. VIII, parte II, 1823. Este autor não indica a data do nascimento de Fr. António Brandão.

A Ordem Cisterciense incorporou-o nos privilégios concedidos aos seus doutores em 5 de Maio de 1621. Neste mesmo ano, o Capitulo-Geral escolheu-o para examinador de Filosofia. Daqui em diante continua a sua ascensão: em 15 de Setembro de 1629 é eleito terceiro-definidor da Ordem; em 1630, abade do Mosteiro do Desterro, em Lisboa; em 1633, segundo-definidor; em 1636, abade-geral da Ordem.

Faleceu em 27 de Novembro de 1637, com 53 anos de idade ⁴.

3. Como se viu, Fr. António Brandão teria abandonado em 1615 o Mosteiro de Santa Maria, em Terras de Bouro. É de supor que fosse então para Coimbra. Dois anos depois, em 1617, faleceu Fr. Bernardo de Brito, cronista-mor do Reino, autor de variada obra e principalmente das duas primeiras partes da *Monarchia Lusitana*.

Filipe II de Portugal nomeou então D. Manuel de Meneses para o cargo vago de cronista-mor do Reino. Exceptuou, contudo, a obra *Monarchia Lusitana*, pedindo ao geral da Ordem que encomendasse a sua continuação a algum dos seus monges. É assim que Fr. António Brandão, ocupado pelos estudos de Coimbra, recebe tal incumbência, com nítido agrado, manifestando a opinião de que a *Monarchia Lusitana*, «tendo sido iniciada por um Monge de Alcobaça, convinha continuar-se por outro Monge da propria Casa». (Liv. VIII, fl. 1 v.º)

Entretanto, D. Manuel de Meneses ocupara o cargo de cronista-mor, vago pelo falecimento de Fr. Bernardo de Brito em 1617. Segundo Barbosa Machado, era homem de armas e homem de letras, cultivando com particular prazer a genealogia e a cosmografia. Deixou vários manuscritos e poucas obras impressas, lidando as duas mais conhecidas com sucessos particulares. A sua *Chronica de El Rey D. Sebastião*, deixada manuscrita, seria, possivelmente, a sua mais importante contribuição para a historiografia nacional. Faleceu em 28 de Julho de 1628 ⁵.

Fr. António Brandão foi, pois, nomeado cronista-mor do Reino em Carta Régia, assinada por Filipe III de Portugal, de 19 de Maio de 1629.

⁴ Estes dados são extraídos de Barbosa Machado (*ob. cit.*), de Fr. Fortunato de S. Boaventura (*loc. cit.*) e de A. de Magalhães Basto, na sua «Introdução» à *Crónica do conde D. Henrique, D. Teresa e Infante D. Afonso*, IX-XI. Barbosa Machado afirma que Fr. António Brandão recebeu a «borla doutoral» da Universidade de Coimbra em 1621. Como se vê, há aqui equívoco da sua parte. Segundo as pesquisas realizadas pelo Dr. Rocha Madail, a pedido do Prof. Magalhães Basto, o doutoramento ter-se-ia dado em 1619. Em 1621, a Ordem Cisterciense oficializou, por assim dizer, o seu estatuto doutoral, conferindo-lhe todos os direitos de que gozavam os doutores. Há também lapso, por parte de Barbosa Machado, ao afirmar a respeito da sua morte: «Cheyo de obras meritorias foy alcançar o premio delas na eternidade a 27. de Novembro de 1637. quando contava 62 annos. 7 mezes, e dous dias de idade com 38 de Religião.» É puro lapso, pois de 1584 a 1637 (datas por ele admitidas) medeiam necessariamente cinquenta e três anos.

⁵ *Bibliotheca Lusitana*, III, pp. 310-312.